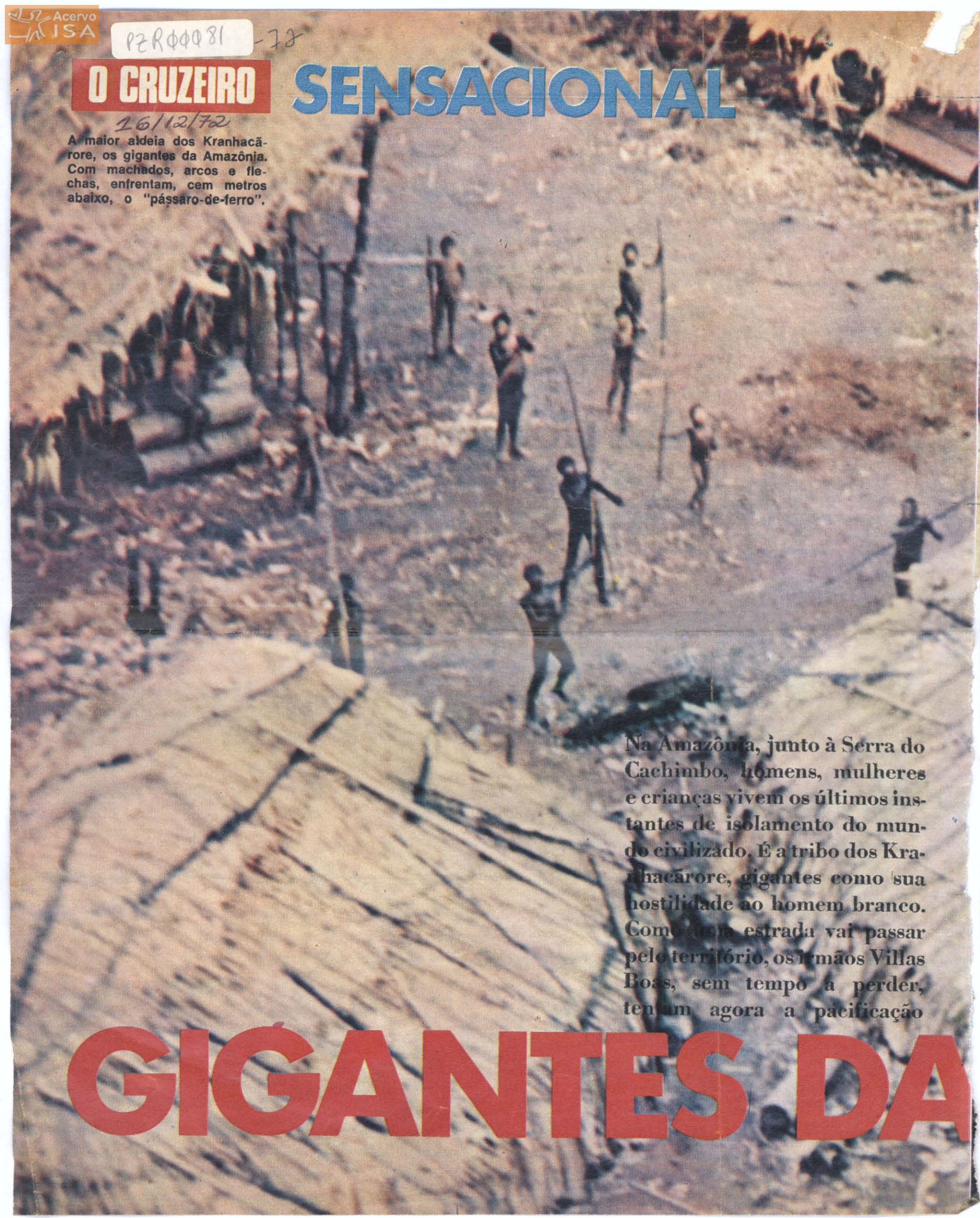


PZR00081 - 78

O CRUZEIRO SENSACIONAL

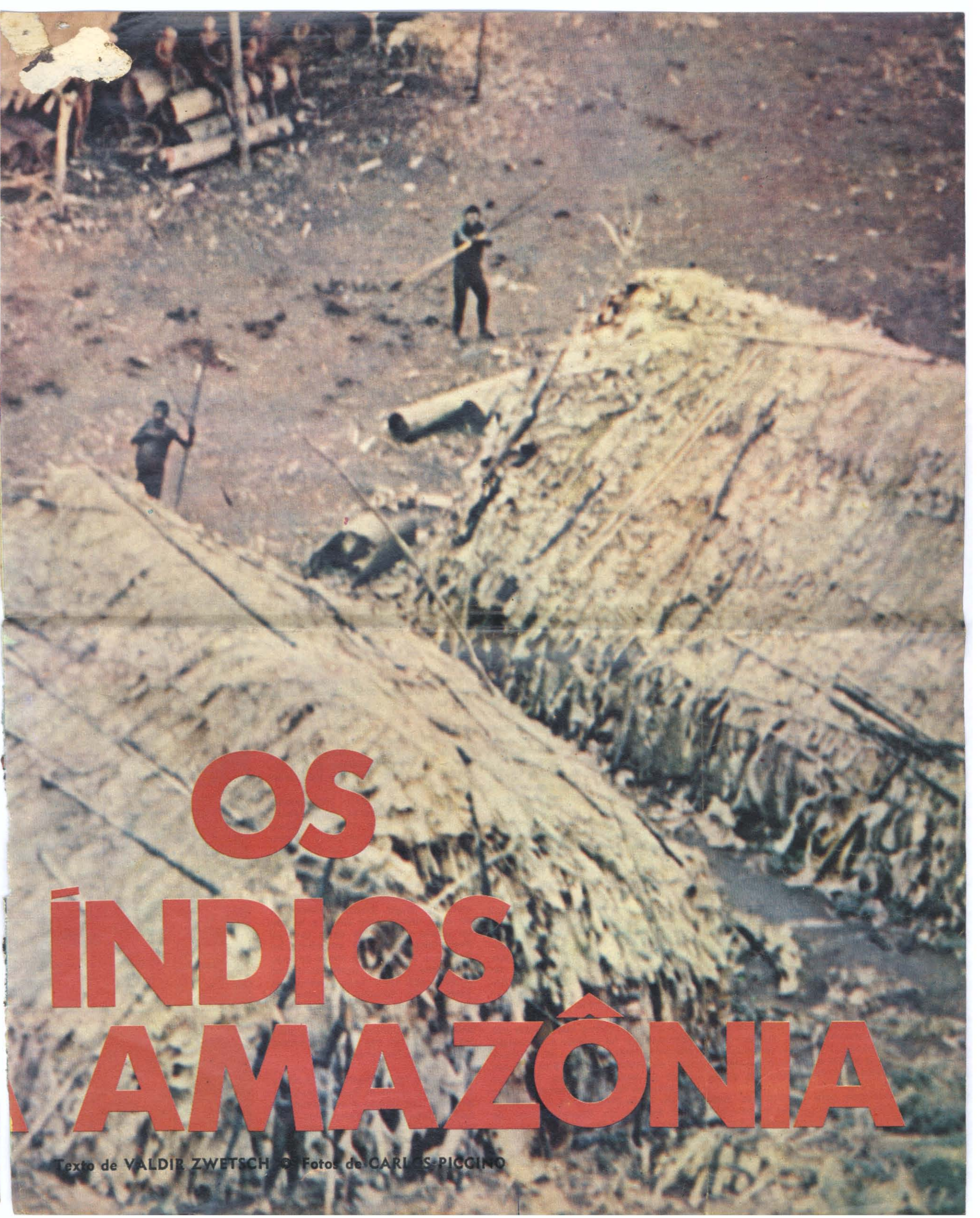
16/12/72

A maior aldeia dos Kranhacãrore, os gigantes da Amazônia. Com machados, arcos e flechas, enfrentam, cem metros abaixo, o "pássaro-de-ferro".



Na Amazônia, junto à Serra do Cachimbo, homens, mulheres e crianças vivem os últimos instantes de isolamento do mundo civilizado. É a tribo dos Kranhacãrore, gigantes como sua hostilidade ao homem branco. Como uma estrada vai passar pelo território, os irmãos Villas Boas, sem tempo a perder, tentam agora a pacificação

GIGANTES DA



OS ÍNDIOS AMAZÔNIA

ESPIÕES KRANHACÃORE JÁ SABEM QUE ESTÃO INDO PARA SUAS TERRAS

1. Aquela fumaça azulada que sobe da mata para o céu revela que estamos chegando à Idade da Pedra. O avião inclina-se para a esquerda, perde altura, e nós já podemos ver: lá embaixo, a uns cem metros, está uma aldeia dos Kranhacãore, os índios gigantes da Amazônia. São hostis, nunca tiveram contato pacífico com o civilizado e vivem num estágio cultural equivalente ao da Idade da Pedra.

Quando ouvirem o ronco do "pássaro-de-ferro", quase todas as mulheres correram para dentro das malocas. Fora, só ficaram os guerreiros, espalhados estrategicamente entre as 15 malocas e numa clareira que circunda a aldeia, armados de bordunas, machados de pedra, arcos e flechas. Agora estamos bem em cima deles, a setenta metros de altura. E os índios não vacilam mais: dispõem suas flechas — vinte, trinta, talvez mais — e agitam suas bordunas com fúria.

O avião inclina-se de novo e podemos ver algumas das 56 roças desta aldeia, em clareiras no meio da mata. São redondas, com plantações de algodão, amendoim, batata e milho. As diferentes culturas são divididas simetricamente por canteiros de milho, que cortam o círculo em forma de cruz. Vista de cima, a sucessão de roças no meio da mata forma um conjunto de muita beleza.

Deixamos as roças para trás e já estamos de novo em cima da aldeia. Agora lançamos presentes — bolas, bonecas de plástico, panelas — mas só as crianças correm para apanhá-las. As mulheres continuam nas malocas. E os homens, pintados de preto desde a cabeça até os joelhos, continuam em seus lugares, em posição de guarda. Na mão de cada um, um arco e várias flechas, uma borduna ou um machado.

2. Nos bate-papos dos seringueiros e garimpeiros do Mato Grosso, nas conversas dos índios do Parque Nacional do Xingu, nas lendas que crescem com a exuberância da floresta amazônica, em tudo está sempre presente a ameaça assustadora dos índios gigantes. Agora é o momento de penetrar tudo e levantar só a verdade a respeito desse grupo de homens que nunca teve contato amistoso com o civilizado e tem uma cultura tão primitiva como seus machados de pedra.

O indianista Cláudio Villas Boas está no mato com 26 índios do Xingu e mais um sertanista. Oriando, seu mano, está se preparando para ir também, com mais dez índios de Parque, todos tarimbados na atração de tribos hostis. Nos calcaneares dessa expedição vem outro grupo de homens, este com pressa e rumo certo: a equipe de topografia do 9.º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), encarregada de estabelecer o traçado da BR-165, rodovia fundamental na teia Transamazônica. Até o fim de 1973 ela vai rasgar o território dos Kranhacãore, e assim apressar o inevitável: o contato dos índios com os civilizados.

Para que esse contato não seja um desastre, tanto para os índios e sua cultura como para os trabalhadores da estrada, foi que o 9.º BEC, encarregado do trecho Cuiabá-Cachimbo da BR-165 (ela vai de Cuiabá a Santa-

rém), pediu a ajuda dos irmãos Villas Boas e da Funai.

3. Na frente de topografia que saiu de Cachimbo na direção de Cuiabá, o medo foi aumentado à medida que os 50 trabalhadores deixavam a base para trás. E era muito justo: por avião, já tinham sido localizadas três aldeias kranhacãore, todas na rota da estrada. Uma, pequena, quase sobre a linha ideal do traçado da BR-165. Assim, mais dia menos dia, eles estariam encontrando os gigantes.

E as notícias a respeito dos Kranhacãore, que nunca foram animadoras, para os trabalhadores eram uma ameaça. Um deles, o caboclo Otacilio, trabalhava para um grande seringueiro do Mato Grosso. E conta que mais de trinta seringueiros já foram mortos pelos índios. Uma vez, Otacilio sentiu a aproximação dos gigantes e foi de barco à procura de seus companheiros. Quando chegou, os índios já tinham passado. E Otacilio, sozinho, enterrou os corpos de seus oito amigos. Todos estavam sem cabeça.

O pessoal da frente de trabalho do 9.º BEC já sabia do perigo quando começou a abrir suas picadas no mato. Por isso, o sertanista Pará (Antônio de Sousa Campinas), da Funai, e o índio Tariri foram encarregados de acompanhar a equipe. Nos primeiros dias de caminhadas e exploração pelo mato eles garantiram: os Kranhacãore já sabem que estamos indo na direção de suas terras. E há espiões deles acompanhando este avanço.

Os trabalhadores ficaram assustados, alguns decidiram abandonar a frente, outros se mostraram dispostos a lutar se encontrassem índios pela frente. Isso, quando o trabalho estava a pouco mais de 20 quilômetros de Cachimbo. Agora que a topografia já começa a descer a serra na direção do vale do rio Peixoto de Azevedo, a uns 40 quilômetros de Cachimbo, faltam pouco mais de 60 para se chegar à pequena aldeia de quatro malocas dos Kranhacãore. Isso poderá acontecer em mais ou menos dois meses.

E, o mais importante: quando se chegar a este ponto, a uns 20 ou 30 quilômetros à direita, em linha reta, estará a grande aldeia de 15 malocas e 56 roças. Aí calcula-se que vivem mais de 400 índios gigantes.

4. Desde que entraram no mato pela primeira vez, em 1949, os irmãos Villas Boas acumulam informações sobre essa tribo. Em 1969, em duas expedições consecutivas, conseguiram entrar em aldeias Kranhacãore recém-abandonadas, e chegaram a trocar presentes com os índios. Por isso eles foram escolhidos para esta atração.

A primeira notícia que tiveram dos Kranhacãore foi quando a expedição Roncador-Xingu entrou em contato com os índios Kaiaby. Eles falavam muito a respeito de uma tribo que ocupava um território à margem direita do rio Teles Pires, entre o Profundo e o Peixoto de Azevedo. Para os Kaiaby, esses índios eram os Ipeuí — o que significa arapuca ou pequena armadilha. A razão desse nome: esses índios, grandes e ferozes, quando vol-

tavam de algum combate, deixavam pedaços de taquara pontudos enterrado no caminho, embaixo de folhas de árvores. Se o inimigo tentasse segui-los, espetaria os pés na armadilha.

A expedição se deslocou para Cachimbo, chegando em 1950. Lá estavam os Kranhacãore, botando fogo nos campos do planalto, talvez para fazer roças. Quando pressentiram a aproximação dos civilizados, fugiram rapidamente. Na fuga abandonaram seis volumes com mantimentos, onde os Villas Boas encontraram amendoim, jenipapo e uma arara assada.

Na volta ao Xingu, em 1952, os Villas Boas iniciam a atração dos Txukarramãe, tribo de botocudos que ocupava um território próximo à Cachoeira de Von Martius, na margem esquerda do Xingu. Com a atração, em 1953, esses índios contaram histórias fantásticas a respeito de seus inimigos tradicionais, índios gigantes de cabelos cortados que eles chamavam de Kranhacãore.

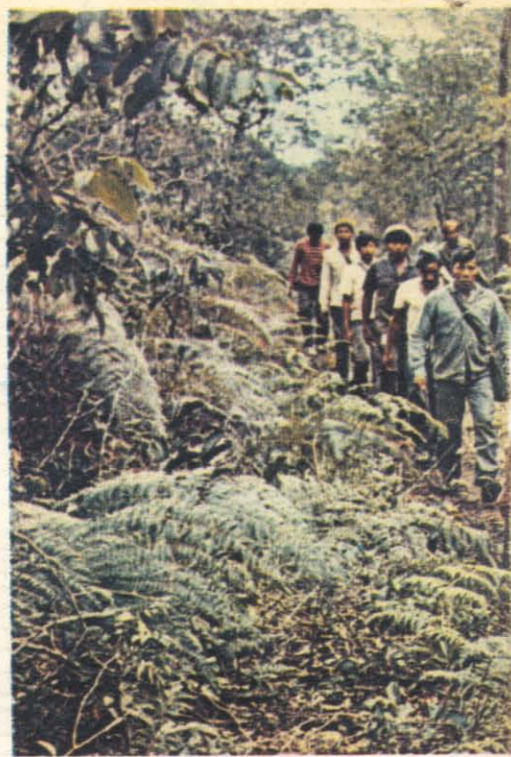
Um ano depois, visitando uma aldeia Txukarramãe, os Villas Boas conheceram Mengriri, um índio de 2,03 metros de altura. Tinha sido rapado de uma aldeia dos gigantes com dois anos de idade. E os Txukarramãe diziam: "Na aldeia dele, todos são maiores ainda".

A cada novo contato com índios do Xingu, crescia a expectativa a respeito dessa tribo de gigantes. Até que, em 1967, houve um incidente que prejudicou as perspectivas de pacificação dos Kranhacãore. Um grupo deles foi visto saindo do mato, na tarde de 15 de junho, perto das cabeceiras da pista de Cachimbo. O pessoal da base se assustou e correu para dentro das casas. Um funcionário, com medo de uma invasão de índios, atirou para cima. E o C-47 que estava sendo esperado, apareceu. Pelo rádio, o pessoal de terra informou sobre a "invasão" e pediu ajuda. O avião espantou os índios dando rastos sobre o cerrado, no local onde eles estavam.

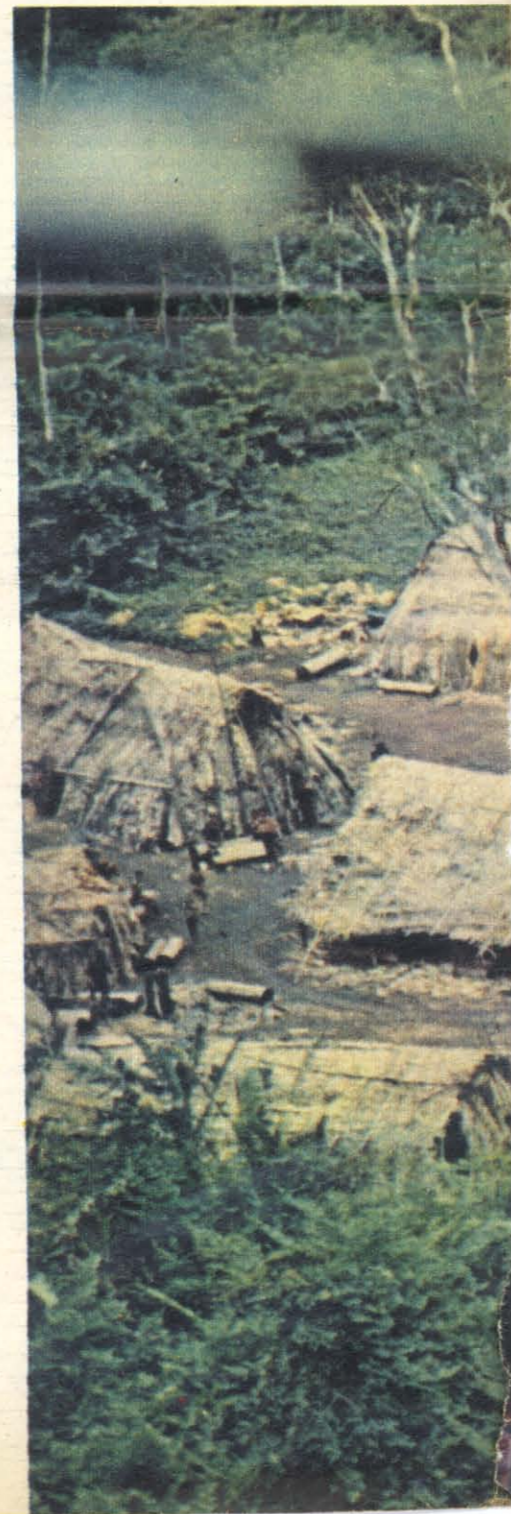
Mais tarde, quando especialistas tomaram conhecimento do incidente, foi constatado que os Kranhacãore traziam mulheres, crianças e alimentos — prova evidente de que tentavam um contato pacífico.

A partir desse incidente, os Villas Boas foram incumbidos da atração dos Kranhacãore para o Parque Nacional do Xingu. Trabalho difícil, ainda mais levando em conta o estado de guerra permanente deles com os Txukarramãe, estes já integrados no Parque, e dispondo de armas de fogo — o que significa superioridade na batalha. (Em 1968, numa investida, os Txukarramãe mataram 23 homens e duas mulheres kranhacãore, e ainda raptaram quatro crianças. Em compensação, há pouco tempo, os gigantes mataram um dos capitães (chefes) de um grupo Txukarramãe.)

5. Ano de 1969. Depois de 12 horas de voo, os Villas Boas conseguem localizar uma aldeia kranhacãore no médio curso do rio Peixoto de Azevedo. Imediatamente organizam uma expedição: com 25 índios do Xingu, sobem o rio Mari'sauá até o ponto em que ele fica mais próximo de um co-



Avançando pela mata, os irmãos



Villas Boas, em sua mais difícil missão: o primeiro contato com os índios, vital para a conclusão da BR-165, que ligará Cuiabá a Santarém.



tovelo do Peixoto de Azevedo. Al abrem um campo de pouso e uma picada de 80 quilômetros na mata virgem, até encontrar o rio. Neste ponto abrem novo campo de pouso, aumentam para 30 o número de homens e constroem oito canoas para descer o Peixoto de Azevedo, visando um ponto 40 quilômetros rio abaixo, bem próximo à aldeia dos gigantes.

Dai a expedição tomou o rumo da aldeia e encontrou-a abandonada. Ficaram presentes para os Kranhacãrore: machados, facões, panelas, brinquedos, espelhos, colares. No outro dia, de volta à aldeia, os Villas Boas notaram que os índios tinham levado os machados, facões e colares, mas as panelas estavam amassadas e os espelhos quebrados.

A expedição muda de acampamento, abre um campo de pouso junto à aldeia abandonada e segue os largos caminhos de terra batida dos Kranhacãrore. E chega a uma aldeia grande, de quinze malocas, recém-abandonadas. Al ficam mais presentes para os gigantes. Cinco dias depois, quando um grupo volta para ver o efeito, há uma surpresa agradável: os Kranhacãrore aceitaram os presentes e deixaram em troca dois machados de pedra e quatro bordunas. Uma delas tem 1m75cm de altura. O que leva a crer que o homem que a usava tinha no mínimo dois metros de altura.

A expedição fica quatro meses nesse local, encontrando novas aldeias (sempre recém-abandonadas) e trocando presentes com os gigantes. Os Villas Boas dizem que os Kranhacãrore estavam se deslocando naturalmente no rumo Oeste (em direção a Cachimbo) e não fugindo do contato.

Em fevereiro de 1970, por ser época de chuvas e plantio no Xingu, a expedição suspende os trabalhos e volta para o Parque. Em abril, quando estavam se deslocando novamente para o território kranhacãrore, os Villas Boas têm que desistir: o avião da Universidade de Brasília que dava apoio logístico ao trabalho foi requisitado. Sem avião, a atração dos índios gigantes fracassou.

6. Muito do mistério e das fantasias que envolviam os índios gigantes da Amazônia caiu com esse trabalho dos Villas Boas. Por exemplo: eles realmente são muito altos, a julgar pelo tamanho das bordunas que usam. Mas não têm os 2,60 metros de altura que os Txukarramãe os atribuem.

Pelo que viram nas aldeias, os Villas Boas acreditam que os Kranhacãrore pertencem ao grupo de indígenas de língua gê (os Caiapós), do qual fazem parte os Txukarramãe. Uma das evidências é a disposição das malocas da aldeia, em círculo, tendo ao centro uma maloca grande. Esta seria a maloca dos machos solteiros, exatamente como fazem os Txukarramãe. Os túmulos também são iguais aos dessa tribo: individuais, cobertos por um monte de terra em forma de cone, protegido por folhas de palmeira.

Como os Txukarramãe, eles dormem no chão, em camas de folha de bananeira ou palmeira, onde um monte de terra serve de travessieiro. Entre uma cama e outra eles fazem fogo. Para assar a caça, usam pedras aquecidas pelo fogo, processo idêntico ao dos Txukarramãe.

Isso, mais o uso da pedra para a obtenção de fogo e fabricação de machados, os coloca num estágio cultural equivalente ao da Idade da Pedra. Pelo que se viu nos vãos sobre as aldeias Kranhacãrore recém-descobertas,



Os gigantes cultivam algodão, batata, milho e amendoim.

A atração é urgente. Logo as máquinas rasgarão a estrada

tas, aparentemente nada mudou em sua cultura. Mas há um detalhe: a aldeia grande tem 56 roças, número muito elevado para as condições de trabalho da tribo. Isso leva a supor que a expedição dos Villas Boas, em 69, ocasionou uma revolução econômica na nação kranhacãrore: os machados de aço e os facões possibilitaram maior rendimento na abertura de clareiras e cultivo da terra. Assim, os caçadores tradicionais aos poucos estão se tornando grandes agricultores.

Para Cláudio Villas Boas, ferrenho defensor da preservação do índio em seu estágio de cultura pura, esta não chega a ser uma má influência de nossa sociedade:

— Isto é positivo. Simplesmente estamos pondo ao alcance de um povo primitivo os instrumentos que podem ajudá-lo a evoluir em suas relações de produção.

7. E terça-feira, 18 de janeiro de 1972. Hoje vamos começar nossa caminhada ao encontro dos Kranhacãrore. Vamos tentar o contato com

um grupo de homens que vivem num estágio cultural primitivo. Não é uma simples caminhada pela selva, é uma fantástica viagem em busca do passado.

Antes da partida, um pequeno C-19 da FAB sobrevoa a aldeia grande dos Kranhacãrore, próxima ao encontro do rio Braço Norte com o Peixoto de Azevedo. O avião joga panelas, bolas de plástico, bonecas e aviõezinhos de presente para os índios. Junto vão fotos dos irmãos Villas Boas com os alegres índios do Xingu.

Tudo obedece a um critério: os presentes são rigorosamente iguais aos deixados em 1969 e que os gigantes aceitaram. Assim, eles identificarão a nova expedição com aquela de antes. E as fotos, como diz Orlando Villas Boas, "são uma espécie de demagogia que deve dar certo: quando encontrarmos os índios, eles identificarão nossa cara com a das fotos e saberão que fomos nós. que lhes demos os presentes". As fotos em que aparecem os índios do Xingu servem para mostrar aos Kranhacãrore que seus irmãos xinguanos estão fortes e

contentes — o mesmo que acontecerá com eles se aceitarem o contato pacífico.

Cláudio está entrando no mato com 18 índios Kaiaby, quatro Suiás, um Trumai, um Kulcuru e dois Txukarramãe. Todos têm cabelos curtos, como os Kranhacãrore, menos os Txukarramãe. Isso poderia prejudicar o contato, como a presença de oito deles atrapalhou um pouco em 1969. Mas, pela provável semelhança lingüística e por conhecerem alguma coisa dos hábitos e costumes de seus inimigos, os Txukarramãe são indispensáveis na expedição. Por isso os dois vão com os cabelos presos dentro de tocas. Assim os gigantes não os reconhecerão, apesar de um deles já ter participado de um combate entre as duas tribos.

Só com a bagagem pessoal e gêneros de primeira necessidade, a expedição entra na selva a pé, pelo caminho de serviço do 9.º BEC, onde até um trator atola. Depois do pernoite num acampamento improvisado, chegamos ao da equipe de topografia, no segundo dia de caminhada. Acampamos dez quilômetros à frente, já na descida da Serra do Cachimbo — 2,5 quilômetros à frente do próximo acampamento dos operários. Estamos a 41 quilômetros de Cachimbo, na direção Sul (no rumo de Cuiabá) e a uns 70 da aldeia kranhacãrore. A partir de agora, o abastecimento começa a chegar através dos lançamentos do pequeno C-19 da FAB, pilotado pelo tenente Veiga, que dá apoio à expedição.

Aqui, a rotina de trabalhos ainda não é muito pesada: fazem-se pequenas explorações no mato em busca de sinais dos Kranhacãrore e de um local para o campo de pouso. As perspectivas, nesse sentido, não são boas: estamos na serra e o terreno não permite campos de pouso. Quanto aos Kranhacãrore, ainda estão muito longe. E como é época de chuvas na Amazônia (até fim de março), eles dificilmente se movimentam.

Os índios da expedição usam o tempo de folga caçando macacos, jacus e araras para comer, enquanto podem. Porque quando chegarem ao vale do Peixoto de Azevedo, território dos gigantes, as caçadas serão proibidas, para evitar que eles se assustem com tiros.

Do lugar em que estamos, a expedição vai se movimentar lentamente em direção ao rio, sempre dando apoio à frente de topografia, que anda a uma média inferior a um quilômetro por dia no terreno acidentado e de mata virgem. Chegando ao rio, os Villas Boas pretendem abrir um campo de pouso e construir barcos, descendo então pelo rio até pouco além da foz do Braço Norte.

Lá será instalada a base de atração: um acampamento grande, na margem esquerda do rio, onde os índios do Xingu cantarão suas canções todas as noites, em ambiente alegre e harmonioso. Na margem direita o terreno será desmatado, abrindo uma espécie de clareira na direção da aldeia kranhacãrore. Al serão deixados os presentes para os gigantes. E desse local eles poderão ver o acampamento da expedição, até adquirir confiança suficiente para a aproximação.

Isso pode durar até um ano, talvez mais. O que é certo é que os Villas Boas não sairão da área enquanto não conseguirem o contato. É que a estrada não pode parar: ainda em 1972 as máquinas já estarão na região, rasgando a selva pelo mesmo



Do avião, foram lançados presentes — bolas, bonecas de plástico, panelas — e fotos dos Villas Boas com os alegres índios do Xingu.



Os índios da expedição, quando do embarque no Búfalo da FAB.

caminho percorrido pela topografia. Então, os Kranhacãrore, que não conhecem canoa e têm seu território delimitado por dois grandes rios, só terão uma saída: aceitar o contato com o civilizado.

— Realmente, diz Cláudio Villas Boas, vai ser um trabalho difícil. Mas o contato é inevitável: não há outra alternativa para os Kranhacãrore. Nossa responsabilidade é grande: precisamos evitar ao máximo o contato dos índios com os civilizados, para preservarmos sua integridade biológica e cultural. Ao mesmo tempo, precisamos promover esse contato.

8. Os Villas Boas não vêem uma saída ideal para esta contradição. A sociedade moderna, diz Cláudio, não oferece perspectivas racionais de sobrevivência para os índios. A única esperança são as reservas indígenas. Mas, no caso dos Kranhacãrore, isto é muito difícil.

Primeiro, porque todos os contatos anteriores deles com os civilizados foram violentos (com exceção da expedição de 1969). Segundo, porque é praticamente impossível retirar uma população indígena da área onde ela está adaptada ecologicamente e transportá-la para uma área desconhecida. Terceiro, porque a solução mais racional seria levar os Kranhacãrore para o Parque do Xingu, mas como eles conviveriam lá com seus tradicionais inimigos, os Txukarramãe, índios de índole violenta, que até agora ainda

realizam incursões de guerra às aldeias kranhacãrore?

Orlando Villas Boas só vê uma solução para o problema: a criação de uma nova reserva, exclusiva para os Kranhacãrore, quando a atração for realizada. Mesmo assim, essa área terá de ser em algum novo local, diferente do atual território dos gigantes — e al de novo aparece o problema da adaptação ecológica.

Tudo isso tem que ser resolvido em pouco tempo, pois a frente de trabalho da estrada está cada vez mais perto dos gigantes. E se o contato desses índios com elementos de nossa sociedade não for policiado por pessoas especializadas no assunto, mais uma cultura primitiva corre o risco de simplesmente desaparecer, como sua aldeia desaparece no meio do mato quando o avião volta a ganhar altura e a deixa para trás.

9. A última imagem que nos fica é a dos guerreiros gigantes, pintados de preto da cabeça aos joelhos, vigiando suas malocas e suas famílias contra o perigo que representa o "passaro-de-ferro" e os homens brancos que estão por dentro e por trás dele. Nas mãos, eles têm seus machados de pedra, suas bordunas, seus arcos e flechas — instrumentos insignificantes contra a força do homem moderno.

Talvez saibam que a luta, se houver, será desigual. Mas não a temem.